A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE ATRAVÉS DA ESCRITA EM MICHEL FOUCAULT

Lívia Oliveira Bezerra da Costa (IFPA)[1]

Resumo: Esse artigo tem como objetivo demonstrar, a partir de uma perspectiva metodológica foucaultiana, como as "escritas de si" praticadas na Grécia antiga, tais como a "hupomnêmata" e a correspondência monástica, constituem formas autênticas de construção da subjetividade do sujeito, em contraposição à formação do sujeito moderno, pois na modernidade não haveria mais espaço para exercer as formas de autoconstituição moral. Além disso, pretende-se demonstrar como o romance, por apresentar similitudes com essas técnicas antigas, também pode ser utilizado como forma de autoconhecimento.

Palavras-chave: Michel Foucault. Literatura comparada. Filosofia.

Abstract: This article aims to demonstrate, from a Foucauldian methodological perspective, how the "self-writings" practiced in ancient Greece, such as the "hupomnêmata" and monastic correspondence, are concrete authentic forms of construction of the subjectivity of the subject, in contrast to to the formation of the modern subject, as in modernity there would no longer be space to exercise forms of moral self-constitution. Furthermore, it is intended to demonstrate how romance, as it presents similarities with these ancient techniques, can also be used as a form of self-knowledge.

Keywords: Michel Foucault. Comparative literature. Philosophy.

1. Introdução

Michel Foucault, na terceira e última fase de suas pesquisas, que corresponde ao período entre 1978 e 1984, se dedica ao estudo da hermenêutica do sujeito, na qual investiga, ao longo da história, formas de constituição do sujeito, distintas daquelas constituídas a partir dos mecanismos de normalização do indivíduo moderno. A esse período pertence a análise dos tipos de "escritas de si", praticadas na Grécia nos dois primeiros séculos do cristianismo, destacando-se a prática da "hupomnêmata" e as correspondências.

Foucault observa que na sociedade moderna não há espaço para as antigas técnicas de autoconstrução da subjetividade, como o "pensar em si" ou o "cuidado de si". O indivíduo moderno não é determinado por um conjunto de práticas sobre si mesmo, que Foucault chama, usualmente, de ética, mas por mecanismos de poder inscritos em instituições que tem

[1] Lívia Oliveira Bezerra da Costa é Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (2021). Atualmente, atua como professora de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal do Pará na área de Letras Português/Inglês na cidade de Altamira, Brasil. E-mail: livia.costa@ifpa.edu.br.

por objetivo agenciar as condutas humanas, a partir de um parâmetro denominado *norma*. Assim, o pensador francês se volta para a análise das práticas de constituição de si na antiguidade grega e romana, pois nela havia a preocupação com a formação moral do indivíduo. O "cuidado de si" era para os gregos uma das regras de conduta social e pessoal. Uma das práticas desse cuidado era escrever sobre si mesmo visando à formação pessoal.

As "hupomnêmatas" consistiam em cadernos de anotações pessoais, compostos por citações, fragmentos de obras heterogêneas, citações, reflexões ou pensamentos pessoais[2]. Elas atuavam como uma memória escrita das coisas lidas e eram utilizadas como um guia de conduta pessoal. A composição desses diários envolvia um processo de elaboração pessoal, pois para se construir sua própria verdade, através da escrita, era necessário ler, reler, e refletir sobre a verdade do outro. Outra prática comum nesse período era a troca de cartas. Nesses textos se forneciam conselhos ao outro, ou narrava-se a relação consigo mesmo, através da descrição de períodos de doença ou atividade de lazer. A escrita é, assim, uma forma de "se mostrar, se expor[3]". A carta é, portanto, uma forma de subjetivação da verdade de uma pessoa, que envolve um processo de introspecção. Para se abrir para o outro e revelar sua verdade, deve-se primeiro voltar-se para si mesmo.

A proposta desse trabalho consiste em, a partir do resgate da perspectiva metodológica foucaultiana, refletir sobre como as "escritas de si" praticadas na Grécia antiga, tais como a "hupomnêmata" e a correspondência monástica, constituem formas autênticas de construção da subjetividade do sujeito, em contraposição à formação do sujeito moderno, considerando-se que, na Modernidade, não haveria mais espaço para exercer as formas de autoconstituição moral. Ao mesmo tempo, pretende-se demonstrar como o romance, por apresentar similitudes com essas técnicas antigas, também pode funcionar como meio para o indivíduo se apoderar de si mesmo.

2. Foucault e a constituição do indivíduo moderno

As coisas existem independentemente do nome que damos a elas. Ao mesmo tempo, as palavras podem criar ilusões tão potentes que funcionam como se coisas fossem. Essa ironia, presente no próprio título de *As palavras e as coisas*, constitui um dos motivos que

[2] FOUCAULT, M. A escrita de si. In: _____. **Ética, sexualidade, política**. Col. Ditos e Escritos V. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p.147.
[3] FOUCAULT, M. A escrita de si. In: _____. **Ética, sexualidade, política**. Col. Ditos e Escritos V. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p.156.

levou seu amigo Paul Veyne, a designar Michel Foucault como o primeiro historiador a ser verdadeiramente positivista[4].

Essa afirmação procura demonstrar que Foucault se volta para compreender as rupturas e descontinuidades a partir do plano das práticas. As coisas, ou seja, os objetos, se formam na correlação dessas práticas, que são exercidas com base em certos elementos pré-discursivos. Eles, por sua vez, não se situam nem no interior dos indivíduos, nem lhes é imposto do exterior, mas formam um conjunto de condições para o seu exercício e para a sua própria mudança. Na sua proposta, aquilo que é feito, o objeto, se explica pelo que foi o fazer em cada momento. O que importa não são os séculos, os povos, nem as civilizações, mas as práticas, pois foram nelas que os homens enxergaram as suas verdades, travando suas lutas em torno delas. A percepção das ciências humanas tem sempre como base o agir humano e a sua relação com sua própria representação.

Assim, segundo Veyne, a atitude metodológica de Foucault consiste em descrever as práticas sem pressupor que existe um alvo, um objeto, ou uma causa material: os governados eternos, o Estado eterno, as relações de produção. O resultado da análise não reflete nem um julgamento feito a partir de noções pré-estabelecidas, nem desvenda uma determinada ideologia, mas permite avaliar a realidade a partir daquilo que as pessoas fazem.

A visão própria que o autor desenvolve sobre o poder é um dos pontos centrais do seu trabalho, embora nunca tenha se preocupado em estabelecer uma conceituação, por se preocupar muito mais em investigar quais seriam os seus dispositivos. O poder não seria uma propriedade, um bem, algo que poderia ser apropriado ou alienado[5], mas, na realidade, uma relação de força.

Entretanto, tal relação não forma um sistema geral de dominação que será exercido por alguém ou algum grupo sobre outro, do qual poderia se derivar uma série de efeitos, que por sua vez seriam espalhados, por meio de aparelhos ou instituições, por toda a sociedade. O poder se manifesta por um jogo de forças que ocorre na própria realidade, trata-se de um nome dado a uma situação estratégica. Logo, nessas próprias relações de poder também se articulam uma força de resistência[6], que, embora sempre irregular, se apresenta como o outro termo das relações de poder.

[4]VEYNE, Paul. *Comment on écrit l'histoire. Suivi de Foucault révolutionne l'histoire*. Paris: Seuil, 1978, p. 201.
[5] FOUCAULT, Michel. *Il faut défendre la société*. Paris: Seuil, 1997, p. 15.
[6] FOUCAULT, Michel. **Histoire de la sexualité I: La volonté de savoi**r. Paris: Gallimard, 1976, p. 126-127.

Seria possível identificar três grandes blocos temáticos no pensamento de Michel Foucault[7]. A temática arqueológica, entre 1961 e 1969, procura estabelecer a arqueologia como método e proceder à análise da constituição dos saberes e a crítica ao humanismo. Trata-se de uma investigação sobre os processos de objetivação do sujeito pelas ciências humanas.

A aula inaugural de sua disciplina no Collège de France – um discurso sobre o que vem a ser, no seu ponto de vista, um discurso – inaugura o período genealógico, que dura de 1971 a 1976. Nesse momento são desenhadas as linhas gerais de sua compreensão do poder: a sociedade disciplinar, o panoptismo, o modelo normalizador e o modelo das estratégias e da microfísica. Nesse ponto, são analisadas as formas de objetivação do sujeito que o dividem, em relação a si e em relação aos outros. Trata-se de mostrar como se constrói a figura do louco, do criminoso, do doente ou do sadio, a partir da separação entre o normal e o anormal. Nesse momento são descritos os dispositivos do poder disciplinar, voltado para o corpo dos indivíduos, e o biopoder, voltado para os processos biológicos de uma população.

Mas essas temáticas, na realidade, fazem parte da caminhada dentro de um projeto amplo. A arqueologia do saber e a genealogia do poder permitem traçar a base para uma compreensão geral das técnicas de subjetivação. Essa temática cobre o período de 1978 até 1984 e se inicia com a análise da governamentalidade, que será conectada com a análise da ética. Assim, o projeto de Michel Foucault nesse período procura compreender a individualidade como algo constituído e as suas formas de constituição.

Foucault propõe mostrar que outras formas de constituição do indivíduo, em que estão ausentes as práticas de normalização – aplicadas sobre o corpo dos indivíduos nas instituições disciplinares e sobre o conjunto da população pelos mecanismos de segurança – ocorrem essencialmente no domínio da ética, entendida no âmbito daquilo que denomina “uma cultura de si”.

Há uma comparação e uma oposição entre o indivíduo normalizado e o sujeito moral da Antiguidade em seus últimos trabalhos, como meio de buscar uma forma de constituição diferente, oposta àquela época da norma por se dar no domínio das relações consigo[8]. Assim, a questão da ética para Foucault envolve pensar o sujeito moderno em sua constituição normalizada, na qual não há espaço para consigo mesmo, ou seja, para as práticas de si. Por isso, em última análise, há uma interrogação maior, ao se pensar nas possibilidades do sujeito,

[7] FOUCAULT, Michel. **Dits et Écrits IV**. Paris: Éditions Gallimard, 1994, p. 223.
[8] FONSECA, Márcio Alves. **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. São Paulo: EDUC, 2007, p. 142

voltado para a ética, se opor ao poder da norma que o constitui e, assim, se constituir de forma diversa.

3. As escritas de si

No texto “As escritas de si”, pertencente à última grande temática que envolve seu pensamento, Foucault analisa a função da escrita na cultura filosófica de si, sua aplicação aos movimentos do pensamento e seu papel de prova de verdade. A ideia é mostrar, portanto, modalidades de constituição do sujeito que existia na Antiguidade.

O escritor francês destaca *A vita Antonii de Atanásio* como um dos textos mais antigos da literatura cristã sobre o tema da escrita espiritual. Nele, o asceta estimula a narração por escrito das ações e dos movimentos da alma como uma espécie de confissão. O autoconhecimento é, assim, uma maneira de resistir ao pecado. Observa-se que o trabalho da ascese deve ser feito não apenas sobre os atos, mas primeiramente sob o pensamento, que os precede. O outro surge como alguém a quem temer no momento do pecado.

Segundo Foucault, a importância desse texto reside no destaque que dá a elementos que já estavam presentes em documentos escritos por Sêneca, Plutarco e Marco Aurélio na Grécia dos primeiros séculos do império, tais como a presença de uma corporação de companheiros, a ênfase dada aos movimentos do pensamento e a escrita como prova de verdade.

Os pitagóricos, os socráticos e os cínicos acreditavam que para aprender a arte de viver bem, a *techné tou bio¸* o sujeito deveria praticar a *askêsis¸* ou seja, um treino de si por si mesmo. Dentre todas as formas de *askêsis* praticadas, tais como abstinências, memorizações exames de consciência, meditações, silêncio e a escuta do outro, a prática da escrita, para si e para o outro, foi a que perdurou por mais tempo[9].

Na Grécia antiga, a escrita é um exercício pessoal, trata-se de um treinamento de si. Epícteto a descreve como uma prática semelhante à da meditação, em que o pensamento reflete sobre si mesmo para que possa enfrentar a realidade. Ela é considerada uma etapa essencial no processo de *askêsis*, pois possibilita a elaboração interior dos discursos recebidos e reconhecidos como verdadeiros e tem uma função “etopoiéitica”, pois transforma a verdade

[9]FOUCAULT, M. A escrita de si. In: _____. **Ética, sexualidade, política**. Col. Ditos e Escritos V. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p.147.

em “êthos”[10]. Nos séculos I e II do império, esse tipo de escrita se apresenta sob duas formas principais: os “hupomnêmata” e as correspondências.

Os “hupomnêmata” são cadernetas de anotação individuais, compostas por citações e fragmentos de obras heterogêneas. Trata-se de conceitos de conduta, utilizados não apenas para releitura e memorização, como também para a reflexão pessoal e para dialogar com o outro.

No entanto, tais textos não constituem ainda uma “narrativa de si mesmo”, como os diários ou narrativas de experiências espirituais cristãs. O movimento realizado nesse processo é inverso ao da narrativa cristã, pois a escrita dos “hupomnêmata” não procura revelar desejos ou verdades ocultas, mas apenas se apropriar, unificar e dar um sentido pessoal a algo já dito por outrem. Nesse caso, o indivíduo se constitui a partir da apropriação e da subjetivação da verdade do outro.

Essa prática, feita por Epícuro e Sêneca, se insere em uma cultura fortemente marcada pela tradicionalidade, pela recorrência do discurso e pela prática da citação. A ética predominante era a do “cuidar de si”, que consistia em “recolher-se em si, atingir a si mesmo, viver consigo mesmo, bastar-se a si mesmo, aproveitar e gozar de si mesmo[11]”. A escrita dos “hupomnêmata” envolvia um processo semelhante, pois era necessário exercer o movimento de voltar-se a si mesmo para pôr em ordem o *logos* fragmentário transmitido pelo ensino, assim como a heterogeneidade das leituras feitas. Sêneca insiste na importância da leitura associada à escrita. Esta era utilizada para seleção e reflexão do que se leu. Caso contrário, o leitor estaria sujeito ao efeito da *stultitia*, agitação da mente, que é expresso por sua frase: “Abundância de livros, conflito da mente[12]”.

A escrita dos “hupomnêmatas” se alinha com a moral estoica e epicurista, pois se opõe à dispersão do leitor. Ao fazê-lo refletir sobre os textos lidos anteriormente, impede que este se volte para o futuro. Trata-se, portanto, da escrita como exercício pessoal feito de si para si. O copista cria sua própria identidade ao organizar e refletir sobre essa coleta de coisas ditas por outros.

Essas cadernetas de notas podem também ser utilizadas como matéria-prima para textos que são enviados para outros. No entanto, o processo de escrita das cartas é mais

[10]FOUCAULT, M. A escrita de si. In: _____. **Ética, sexualidade, política**. Col. Ditos e Escritos V. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p.147.
[11]FOUCAULT, M. A escrita de si. In: _____. **Ética, sexualidade, política**. Col. Ditos e Escritos V. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p.149.
[12]FOUCAULT, M. A escrita de si. In: _____. **Ética, sexualidade, política**. Col. Ditos e Escritos V. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p.149.

complexo do que a composição de uma “hupomnêmata”. Enquanto nesta, o foco é um “adestramento de si” pela escrita, a correspondência consiste num exercício de elaboração pessoal, que passa pelo olhar do outro.

A carta tem uma dupla função, pois age tanto sobre quem a escreve, como sobre quem a recebe. Ao escrever conselhos ou relatar o seu dia para o outro sempre se considera o olhar do destinatário. Trata-se de uma via dupla da orientação: a retribuição do conselho não permanece em sentido único, serve de enquadre para mudanças. O que é orientado progride e pode tornar-se mais apto a orientar o que uma vez o orientou, pois acrescenta sua experiência pessoal à orientação recebida, assim como a terceiros que venham a ler essa correspondência.

Para Foucault, escrever é se mostrar, é expor ao outro a sua marca registrada, por isso o processo de escrita envolve primeiro um exercício de introspecção. Este não deve, no entanto, ser entendido como um deciframento de si, mas apenas como uma abertura de si para o outro.

As correspondências de Sêneca com Lucilius e de Marco Aurélio com Fronton apresentam traços distintivos de uma narrativa de si como uma narrativa da relação consigo mesmo, seja por meio da descrição de impressões de um estado de saúde, seja por meio da narração descritiva de atividades de lazer.

As cartas em que Sêneca narra para Lucius o seu estado de saúde se convertem em reflexões sobre temas como o retiro, a solidão e a amizade[13]. Trata-se de uma análise da influência que o corpo exerce na alma e como esta também afeta o segundo.

A carta como relato de um dia comum permite um exame da consciência. Quanto mais detalhadas as ações do dia, mais o autor se expõe e reflete sobre como tirar proveito do sofrimento. Sêneca aponta que ao se pensar em narrar todos os fatos do dia para o outro ele é estimulado a viver sem nada esconder. Isso permite que ele passe o dia inteiro voltado para si mesmo, em exercício de observação, meditação e autoanálise.

Na correspondência de Marco Aurélio a Fronton, aquele narra as experiências do dia vivido como uma prática de exame de consciência, uma forma de meditação. O autor se torna inspetor de si mesmo, pois se autoavalia para o outro, seu mentor, mantendo sempre em mente as regras de comportamento.

Assim, dentre as narrativas de si mais antigas tem-se o relato monástico, os “hupomnêmatas” e o relato epistolar. Através da anotação das experiências espirituais que

[13]FOUCAULT, M. A escrita de si. In: _____. **Ética, sexualidade, política**. Col. Ditos e Escritos V. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p.149.

compõem o relato monástico procurava-se desvendar os movimentos mais escondidos do pensamento para deles se libertar e, assim, não pecar. Nas práticas gregas, como a dos "hupomnêmata" procurava-se se constituir a si a partir de uma subjetivação do discurso fragmentário de outros. Enquanto no relato epistolar, compartilha-se com o outro um relato das próprias experiências cotidianas, feitas em observação a regras de uma técnica de vida.

4. Considerações finais

Foucault apresenta a prática da escrita na antiguidade como uma forma de definir o sujeito que "escreve sobre si", o qual tem a preocupação moral de se constituir como um indivíduo que diz a verdade sobre si e vive de forma ética. Embora a prática dos "hupomnêmata" não possa ser considerada uma "narrativa de si" tão completa como a carta, trata-se de uma espécie de constituição da própria subjetividade a partir do discurso de um outro. Nesse tipo de escrita, a cada leitura e releitura dos fragmentos coletados se atribui algo da sua própria experiência ao que foi escrito por outro, construindo-se, assim, a própria verdade ao observar a verdade do outro. Por outro lado, a escrita da carta é um processo de elaboração pessoal mais complexo, pois é uma forma de manifestação e exposição de si que passa pelo olhar do outro.

Na modernidade, o indivíduo moral da antiguidade cede lugar ao indivíduo normalizado, regulado por mecanismos de poder. Ao mesmo tempo, as técnicas que envolvem o processo de criação de um romance, guardam em si, muita semelhança com as antigas formas de escrita de si. Isso permite ao sujeito moderno, por meio da expressão artística, encontrar meios de autoinscrição, de expressar a sua verdade para o outro. O romance moderno é a principal manifestação escrita desse sujeito que se a autoconstitui.

Referências

FONSECA, Márcio Alves. **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. São Paulo: EDUC, 2007.

FOUCAULT, M. A escrita de si. *In*: _____. **Ética, sexualidade, política**. Col. Ditos e Escritos V. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. Aula de 1º de fevereiro de 1984-primeira hora. *In*: _____. **A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Il faut défendre la société**. Paris: Seuil, 1997.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. São Paulo: Editora 34, 2000.

VEYNE, Paul. **Comment on écrit l'histoire. Suivi de Foucault révolutionne l'histoire**. Paris: Seuil, 1978, p. 201.